

MiniMicro

Mini Contos e Micro Contos

Antologia Digital brasileira do Portal
ORNITORRINCOBALA - 2024

Organizado por Jiddu Saldanha



TRIMANO





Ficha Catalográfica - ID: 756842

ISBN - ID: 724581

Câmara do Livro de São Paulo - BR

“MiniMicro”

ANTOLOGIA DIGITAL BRASILEIRA DE MINICONTOS E MICROCONTOS
DO PORTAL ORNITORRINCOBALA - 2024

SUMÁRIO

| | |
|--|----------|
| CIDA PALMEIRIM - NITERÓI / RJ | PÁG - 4 |
| CRISTIANE GRANDO - CERQUILHO / SP | PÁG - 6 |
| DIANA RECH - FORTALEZA / CE | PÁG - 8 |
| FLAVIO MACHADO - CABO FRIO / RJ | PÁG - 10 |
| FLORA TROPER - SAQUAREMA / RJ | PÁG - 12 |
| FRANCISCO ORBAN - RIO DE JANEIRO / RJ | PÁG - 14 |
| HAIRON H. DE FREITAS - CABO FRIO /RJ | PÁG - 16 |
| IZABEL MATTOS - RIO DE JANEIRO / RJ | PÁG - 18 |
| JAIME LEBOVITCH - RIO DE JANEIRO / RJ | PÁG - 20 |
| JAIRO FARÁ - SÃO JOÃO DEL-REI / MG | PÁG - 22 |
| LÊDA ARISTIDES - RIO DE JANEIRO / RJ | PÁG - 24 |
| LÉLIA QUEIROZ - CABO FIO / RJ | PÁG - 26 |
| LUCIANA G. RUGANI - CABO FRIO/ RJ | PÁG - 28 |
| MARCIA TROPER - RIO DE JANEIRO / RJ | PÁG - 30 |
| MARIA DO CARMO PROCACI - RIO DE JANEIRO /RJ | PÁG -32 |
| MARILIA AMARAL - RIO DE JANEIRO / RJ | PÁG - 34 |
| SILVIO RIBEIRO DE CASTRO - RIO DE JANEIRO / RJ | PÁG - 36 |
| SONIAMAR PASSOT - MÂCON / FRANÇA | PÁG - 38 |
| JIDDU SALDANHA - ORGANIZADOR | PÁG - 40 |



APRESENTAÇÃO

MiniMicro é uma antologia de escritores do Portal OrnitorrincoBala. Optamos por fechar o ano de 2024 com mais este acerto de contas com a nanoliteratura.

A ideia foi proposta pelo escritor Flavio Machado e endossada pela nossa querida Cristiane Grando, dois escritores que fazem parte da vida e do crescimento do Portal OrnitorrincoBala.

Somada a essa empreitada, reunimos um time de escritores aos quais muitos já publicam conosco, formando uma família criativa de grande expansão literária.

Jiddu Saldanha - novembro - 2024



Cida Palmeirim
Niterói / RJ



Cida Palmeirim (Jussidia Guimarães Palmeirim) nascida em Niterói, RJ em 31 de março de 1952. Atriz, dramaturga, poeta e professora. Fundou a ARTECORPO Teatro de Cia, em 2001 onde atua como produtora e atriz. Na área teatral se especializou através de cursos e oficinas, entre eles: Adm. Teatral pela FAETEC; Oficina de Sombras com a Cia Lumiato; Iluminação (Funarte); Oficina de Teatro com Reinaldo Dutra; Simpósio Internacional de Contadores de Histórias (Várias Oficinas); Fundação de Artes S. Gonçalo (Leitura Dramatizada); Teatro de Rua na Sede do Tá Na Rua com Amir Haddad; Dramaturgia com Paulo de Moraes da Cia Armazém. Ministra aulas nos Cursos e Oficinas de Teatro realizado pela Artecorto Teatro e Cia. Foi Membro Representante da Câmara de Artes Cênicas (2008-2010) no Conselho de Cultura de Niterói. Poeta: II, III e IV Antologia poética do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro - Antologia Vargas Neto, São Borja, RS - Perfil 2001 Uma Odisséia Poética - II Coletânea de Poesias Apresentadas no Sarau Pedra Pura Poesia – 2001 (entre outros) – Podcast de Poesia NUA – Edital Ativos Culturais Secretaria das Culturas de Niterói jan/2023 / DRT-RJ: Atriz e Diretora - 41499 DRT-RJ: Diretora de Produção - 3255
Do Portal Ornitorrincobala já participou das antologias “Abraço em Galeano”, “Floribela por Elas” e “Amazônia”, todas de 2024.



A CASA DOS SONHOS

A casa era alegre, cores vibrantes. Mistura de castelo e casa de bonecas. Não havia olhos que passassem sem percebê-la. Suas cores eram um convite a entrar, no letreiro escrito: CASA DOS SONHOS.

Eu e meus amigos morávamos próximos, mas não podíamos ir lá. A recomendação era: - Não é casa para crianças.

Arre, tanta falação e nós, sem nada entender. O desejo era fazer o que nos proibiam.

Passavam os dias e nós não descobríamos nada.

Se a Casa era dos Sonhos, nada demais haveria de ter. Era um lugar de sonhos lindos... Tapetes de nuvens... Poltronas de flores. Um lugar para sentar e deixar a imaginação voar!

Nunca vimos ninguém ali, mas também, nunca pudemos passar por lá à noite.

Um dia ouvi minha mãe e meu pai conversando: - tenho medo que uma mariposa daquelas se aproxime dele, já pensou?

Eu pensei... Se tem mariposa, tem borboleta, sabiá, curió... Era uma casa para bichos que voam.

E meu amigo escutou a mãe dele falando com o pai: - naquela casa só tem moça perdida.

Era isso!!! Um orfanato!

Fizemos nossa reunião, a discussão foi até a noite, quando vimos a casa acender luzes coloridas piscando...

Mas ninguém saiu. Ninguém entrou.

De repente... Beto! Quincas! Voltem para casa imediatamente.

Passou o tempo. Nos mudamos. A Casa dos Sonhos foi comigo. Nessa fantasia criei meus próprios sonhos.

A lembrança ficou... daquela casa que fazia bem só de olhar... Uma casa que dava prazer.

PERDIDOS EM ITATIAIA

Eu e minha prima estávamos preparando o almoço... As crianças sumiram. A mais velha tinha 9 anos o mais novo 5. Não apareciam. Desesperamo-nos, muita mata, muitas trilhas, cachoeiras... E nada. Pedimos ajuda aos guardas do parque, quando eles apareceram rindo e contando... Estávamos perdidos. O cachorro nos achou e nos trouxe de volta.



Cristiane Grando
Cerquilha / SP



Cristiane Grando nasceu em Cerquilha-SP em 1974, é poeta e escreve em português, francês e espanhol. Tem 16 livros multilíngues publicados no Chile, Brasil, Espanha, República Dominicana e Argentina, alguns traduzidos também em catalão, inglês e guarani. Tem poemas inéditos traduzidos ao italiano, holandês e zapoteco, língua indígena do México. Representou o Brasil em 2015 no XI Festival Internacional de Poesia de Granada-Nicarágua. Possui ampla experiência em leitura de poesia para públicos escolares e universitários em congressos de poesia, eventos culturais, acadêmicos, rádios, canais de TV, feiras e bienais do livro no Brasil, França, Chile, Argentina, República Dominicana, Haiti, Porto Rico, EUA, Portugal, Espanha, Uruguai, Cuba, Nicarágua e Paraguai. Instagram: @cristiane.grando.1 e e-mail: crisgrando@gmail.com



FESTA JUNINA

1o lugar - Prêmio Promoção Cultural 2009 - TAM

“O problema é como transformar as palavras em silêncio.”

Antônio Lobo Antunes

No interior de S. Paulo, entre balões e bandeirinhas, nos conhecemos: para mim, ele tirou o chapéu de palha. Escrevi um correio elegante: “Nem o quentão nem a fogueira esquentaram tanto meu coração quanto o seu olhar nesta noite de São João...” No ano seguinte, eu era a noiva grávida da quadrilha.

A CAMINHO DE CASA, NUMA PRAÇA

Amor com lentes. Amor sem dentes.

FELIZ ANIVERSÁRIO

No dia do seu aniversário, disse o namorado:

_ Tudo terminado.

O SOM DA CHUVA

Para Guilherme Grandó

Era domingo. Início de noite e do ano de 2008.

O sobrinho, de 5 anos, pergunta para a tia:

_ Você gosta do barulho da chuva?

_ Gosto.

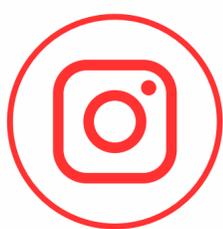
_ É o som da felicidade.



Diana Rech
Fortaleza / CE



Diana dos Santos Rech nasceu em Fortaleza/CE. Poeta e Psicanalista. Mestre em Filosofia da Psicanálise pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP/ Manchester/Inglaterra. Formação em Psicanálise: Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, EPFCL/CE, Escola Letra Freudiana do Rio de Janeiro/LF, Centro de Estudos Freudianos do Recife, CEF/PE, Livre Associação Freudiana de Fortaleza/ LAF, Associação Lacaniana Internacional, ALI/Paris e Associação Psicanalítica de Porto Alegre/APPOA. Atividades de Atendimento, docência e Extensão na Universidade Federal do Rio Grande/RS, no Hospital Universitário Walter Cantídio/HUWC na Universidade Federal do Ceará/UFC, Universidade Estadual do Ceará/UECE e na Universidade do Vale do Acaraú/UVA. Produziu vários artigos científicos em livros e revistas especializadas. Em 2023, fez sua primeira publicação literária com o livro *Poemas bem de detrás e antes*, além de outros textos publicados em Coletâneas e Antologias impressas e on line. Destacam-se: “Floribela por elas”; “A Caminho de Pasárgada” e “Amazônia”. Atualmente na direção do Grupo de Trabalho Psicanálise e Literatura - *Letraslacan*.



LUIZA

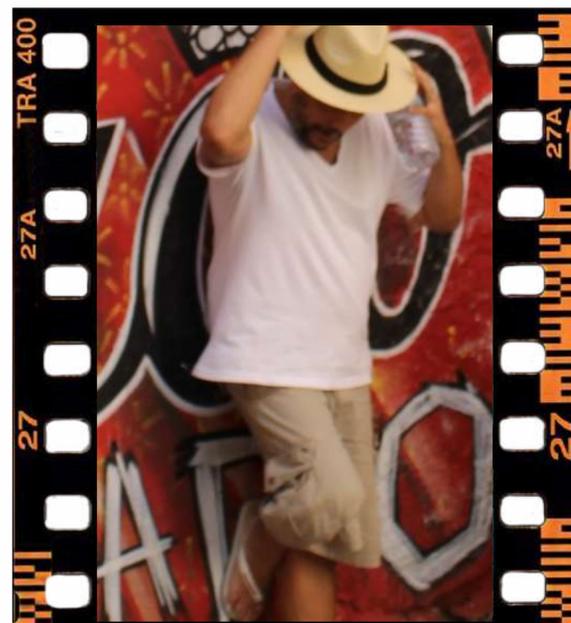
Sem dias invernais, apenas o estio relutante grassava entre aquelas paragens desencantadas. Luiza absorta, caminhava à toa sobre as fuligens de algum passado desconhecido dela mesma. Assim, exercia tenazmente o movimento cálido de exasperar os horrores do presente. Uma pergunta insistia; quais frutos, quais flores, poderiam anunciar o novo amanhecer?

DESPEDIDA

Disse Hamlet: “A hora do encontro é também a hora da despedida”. Choro! não por ti que se foi, mas por tu, que ficaste. Minhas lágrimas não te consolam. Não devolvem a alegria ao teu coração. Entretanto, minhas palavras em tuas palavras, poderão te fazer travessia, passagem, movimento.



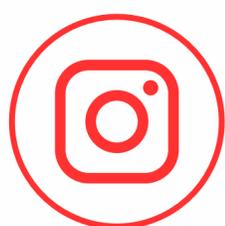
Flavio Machado
Rio de Janeiro / RJ



Nascido no Rio de Janeiro em 1959. Colaborou com vários órgãos da imprensa alternativa. Participou de diversas Antologias Literárias. Premiado em importantes Concursos Literários. Publicou os livros: *Sala de Espera* - 2023 (Editora Blocos), *livro azul de haikai* - 2013 (Editora CBJE), *Provisórios* - 2014, *este lado para cima e à margem – volume 1* - 2015 e *à margem – volume 2* - 2016, todos pela Editora LiteraCidade. *Livro Branco* – 2017 (Editora Pará.Grafo), *Livro Amarelo* – 2018 (Editora Ixtlan) e *Poemas para a luz do lampião* – 2019 pela Editora Costelas Felinas.

Tem, também, o e-Book *Flavio Machado, Poemas* - 2022 e das antologias: *Propássus* - 2023, *A Caminho de Pasárgada* - 2023, *Um abraço em Galeano* - 2024 e *Amazônia* - 2024.

Hoje radicado em Cabo Frio/RJ. Membro da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio. É Engenheiro Agrônomo e de Segurança do Trabalho.



CLUBE DOS ASSASSINOS DAS SEGUNDAS

O homem passou com um machado na mão esquerda. Deixou um rastro de sangue. Ninguém estranhou.

EDUCAÇÃO DOS CINCO SENTIDOS

Ela tocou n'agua.

EXERCÍCIOS

Conheceram - se no show de uma banda cover dos Beatles. Trocaram beijos ouvindo Hey Jude. O preferido entre os quatro era George Harrison. Frequentaram o templo Hare Khrisna de Santa Tereza. Choraram a morte do John Lennon. Até Aquele dia viveram Felizes. A partir de então começaram as brigas. Separaram-se ao som de My Sweet Lord.

ITAPETININGA

Um casal sempre aparece aos sábados à noite para a última sessão. Quem os vê não tem coragem de avisar: O cinema fechou há dez anos.

CINEMA

O filme de Herzog em cartaz no Ricamar. A menina tinha uma conversa interessante. Gostava de filmes europeus. Na cena de decapitação apertou lhe o braço com força. Caminharam pelas ruas de Copacabana, atravessando a madrugada. Restou o cheiro da maresia na memória



Flora Troper
Rio de Janeiro / RJ



Flora Troper é arquiteta aposentada. Nasceu em Recife onde cresceu e se formou. Morou no Rio de Janeiro e hoje mora em Saquarema. Sempre gostou de escrever, hábito que ainda cultiva. Entre seus hobbies também estão fazer cerâmica, tocar teclado e ler, o que é enriquecido pelo Clube de leitura da Casa Amarela!

Já participou das antologias digitais: “O Beijo - 2022”; “Pequenas Coisas - 2022”; “Felicidade - 2023”; “Luz e Sombra - 2023”; “Gavetas - 2024” e “Floribela por elas - 2024”, todas pelo portal Ornitorrincobala.



A PAISAGEM DA VIDA

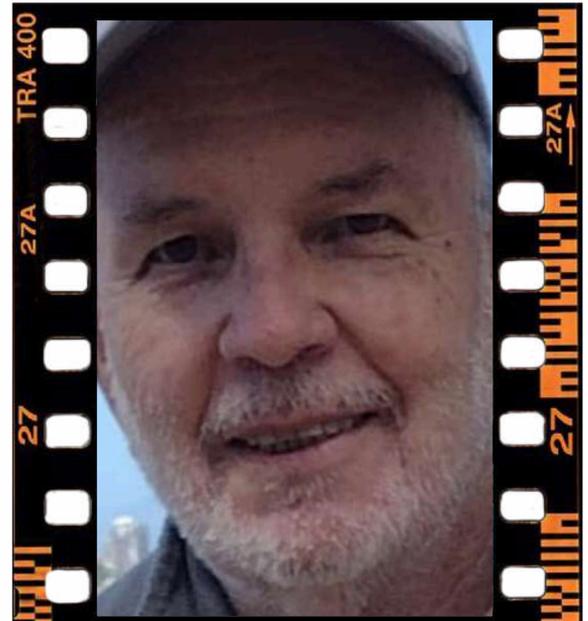
Uma viagem de trem, dia lindo, observa-se a paisagem.
Os pensamentos voam, correm com a paisagem.
Árvores, flores, tudo colorido, colorindo a vida.
Céu azul, como que garantindo o tempo bom, o bom tempo! Tudo sorri!
A paisagem segue seu caminho.
E o tempo vai passando.
As folhas vão amarelando, já caindo, formando um lindo tapete pelo caminho.
As flores já não tão coloridas, já caindo, ajudam a compor esse tapete.
Céu nublado e o tempo mudando, mostrando um outro lado.
A viagem continua, mostrando essa outra paisagem.
Logo, o tempo vai de novo mudando, céu novamente azul.
Árvores vestidas de folhas verdes, flores lindas coloridas, uma nova paisagem surgindo.
Tudo volta a sorrir!
Esse vai e vem dessas paisagens compõem a vida.
Tempo bom, coisas boas acontecem, a vida sorri.
Muda o tempo, novos desafios para nos testar, a vida já não sorri.
E novamente voltam os bons tempos, boas notícias, belas paisagens, a vida volta a sorrir.
É assim, tudo passa, tudo muda!
E então vamos aprendendo a ver, a viver o bom, o belo. A ver, a viver o difícil, a superar os desafios.
Esse é o conto da vida!
Vendo, vivendo e aprendendo com cada paisagem que vai surgindo.
E assim chegamos a um final feliz!

BUSCA

Ando, busco, procuro algo para fazer a vida, para viver a vida.
Ando por caminhos que me levem onde há vida, mas não sei quais são esses caminhos.
Sigo andando, vejo ruas, casas, jardins, sol, chuva. Não sei onde levam, nem sei onde quero que me levem.
Busco um sonho que não sei ver, que não sei sonhar.
Um dia chegarei a um lugar que então será a resposta a toda essa busca, a toda essa caminhada. Apenas segui andando, passo a passo nessa direção, em direção à vida.
E então saberei!



Francisco Orban
Rio de Janeiro / RJ



Francisco Orban é poeta, jornalista e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autor dos livros: *Sobrado das horas* (Taurus-Timbre, 1990), *Cesto das canções com pássaros* (Leviatã, 1994), *Recomendações aos sonhadores* (Imprimatur, 2001) - vencedor do prêmio Mar Absoluto – Cecília Meireles, da União Brasileira de Escritores. *Estaleiros de vento* (Orobó, 2005) - finalista do prêmio Jabuti 2006 e ganhador do prêmio Walmir Ayala, da UBE, no mesmo ano de lançamento.

Em 2016 publicou sua obra reunida pela editora Kazuá, com o título “*No país dos Estaleiros*”, menção honrosa no prêmio da UBE (União Brasileira de escritores).

Em 2019 publicou *A Colheita da água*, poesia, (edição independente). Em 2022 publicou *Paio das águas* - Prêmio Marcus Vinicius Quiroga, concedido pela União Brasileira de Escritores.

Em 2024 relançou pela editora Underline Publishing nos EUA, seu livro infantil *O Cavalinho de água*; este livro já tinha sido adotado pelo *Programa Nacional do Livro Didático-SP*, por volta de 2005 .

Pelo Portal Ornitorrincobala lançou o e-book: *O Cavalinho Domundo* - 2023, que já tinha ganhado o prêmio da UBE (União Brasileira de Escritores), e fez parte da antologia *Abraço em Galeano* - 2024.



ALTARES

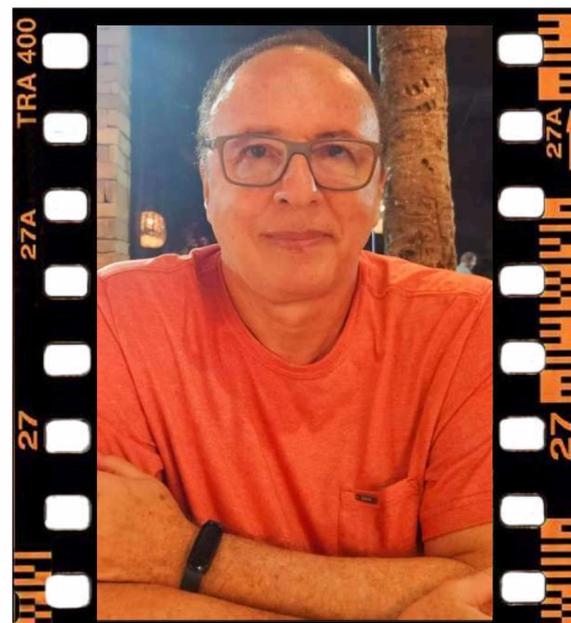
Estávamos todos integrados naquele bar caído. Pé-sujo da pior espécie, bebendo álcool que é o sangue dos deuses esquecidos, ouvindo um hino de Paulinho da Viola a que chamam apropriadamente de samba e que nos fazia todos irmanados naquele sentido maior de estarmos vivos. Estávamos ali unidos sob a toga da noite, para sempre filhos de um mesmo sentido oculto de existir que ali se anunciava em pequenos atos. Estávamos assim instalados no afago daquele momento absoluto a redimir a imprópria soberba que o álcool atíça, com palavras ao acaso e gracejos dispensáveis em outros ambientes, mas que ali eram adornos perfeitamente necessários. Estávamos assim, dispersados da passeata chamada mundo, e recostados naquele pequeno palco do planeta denominado por alguns de boteco, mas que para nós era mesmo um altar, onde celebrávamos o mistério daquele momento, cada um a sua maneira, ouvindo um samba de raiz que são as canções dos combatentes e sonhadores do mundo.

SOBRE BORGES

Não existimos. Somos apenas o sonho de alguém que nos sonha. Quem escreveu isto foi Borges, e no século passado e ainda na Argentina, e precisamente em Buenos Aires, quando esta era uma esplêndida cidade, um enclave europeu em nosso degradado continente. Somos a realidade de alguém que nos sonha, acreditou Borges até a sua morte, sem poder imaginar as redes sociais que invadiriam o mundo afastando os livros, os sonhos e os homens. Talvez o próprio Borges, mesmo que exilado das palavras, ainda possa sonhar a Buenos Aires em que viveu, com suas pacatas vidas, cientes do que seriam do começo ao fim. Quanto a nós, os deserdados dos sonhos, nos empenhamos em nadificar tudo que cai em nossas mãos. Borges dorme na plenitude do nada e nós nos quedamos na solidão aprastadora de saber que o futuro se fez uma incógnita que os pósteros terão que reiventar.



Hairon H. de Freitas
Cabo Frio / RJ

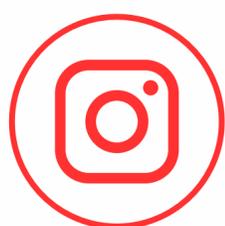


Hairon Herbert de Freitas sempre gostou de arte, principalmente em relação à sensibilidade poética, música e desenhos feitos em traços descompromissados, envoltos em abstração de forma arredondada. É membro da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio - ALACAF e da Academia de Letras de São Pedro da Aldeia - ALSPA.

Participou de projetos, antologias, varais poéticos e saraus, entre eles: Projeto Poesia na Escola, do professor Gilberto Martins, de Brodowski (SP); antologias “A Aldeia de Pedro”, em São Pedro da Aldeia; antologias “Flores Literárias” e edições da Festa Literária Cabo-friense - FLIC, em Cabo Frio; antologias, varais poéticos e saraus da ALACAF e da ALSPA.

Recebeu o “Prêmio Cultural Caiçara”, concedido pela ALACAF e pela ALSPA e Título de Doutor Honoris Causa em Artes e Literatura, concedido pela ALSPA.

Com muito prazer, participa de mais esta antologia.



O QUE SE DIZ NÃO SE PERDE

Onde fui amarrar minha égua! Um ditado muito comum que disse Seu Manuel quando se deparou com um antigo conhecido que sempre que o encontrava pedia dinheiro emprestado. Pro Seu Manuel era um sufoco só, pois não sabia dizer não.

SUFOCO DE DIZER NÃO

Como dizia o Fulano de Tal que sempre fazia de tudo, como se nada no mundo o cobrasse pelos seus atos: “palavras o vento leva”.

Dentre seus feitos, contudo, ao menos um não foi nada perfeito e deixou Cicrano injuriado pela promessa não cumprida.

O vento levou, e levou bem, como se registrasse no além, todo bem e todo mal de Fulano de Tal.

COMO FOI BOM

É noite! Sinto o odor que acalma. É bom recordar que, há alguns dias, o mesmo perfume inebriante provocava em mim boas lembranças.

O bem-estar envolvia-me num acalento e aquele breve instante se eternizava.

Não havia distúrbio ao olfativo, o sentido congelou o disparate como promessa de algo inusitado.

Era esfuziante! Toda e qualquer fadiga se rendia àquela breve faixa temporal.

Por fim, no intento de fixar o momento, refiz a mim mesmo a promessa de retomar àquela noite sempre que tudo me parecesse confuso e esquisito.

O melhor nesse momento, tão breve e oportuno, é compartilhar sempre com amor.

Aconteceu e foi breve, mas aconteceu e marcou, transformou o efêmero naquilo que eternizou.

Como foi bom! O perfume que me tocou. Tocou o meu amor.

A inebriante “Dama da Noite” chegou.



Izabel Mattos
Rio de Janeiro / RJ



Sou Maria Izabel de Mattos Corrêa, professora de História, aposentada. Mineira, mas moradora do Rio há 70 anos. Estudei no Pedro II e me formei na UFRJ.

Lecionei na Universidade Severino Sombra, em Vassouras, por três anos e em escolas públicas, como a Escola Técnica Estadual Ferreira Viana, hoje FAETEC e na Escola Municipal Celestino da Silva. Além de contos, escrevo também crônicas, poemas e pensamentos. Fui finalista em alguns concursos, como o do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, o do Bafafá, o da ABRACI na ABL e no Concurso de Haicais da Editora Guemanisse. Participei de algumas coletâneas de poesia, contos e crônicas na Oficina do Prof. Cairo Trindade. Publiquei um livro solo de poemas, Voos.



O DIA QUE MORRI

O velório estava lotado. Coroas com delicadas despedidas, gente chorando e sorrindo. Conversas em surdina, lembranças, reencontros, até mesmo negócios se fechando. De vez em quando a vida explodia numa risada alta e gostosa, desafiando a seriedade da morte. E ninguém percebia que eu passeava entre eles, recolhendo, como um bom repórter, pedaços de vida que com eles compartilhara. Ajudava a construir assim, em cada um, o esquecimento de mim.

ARYOSTO

Ariosto era um homem de meia-idade, muito excêntrico, que vivia sozinho em seu atulhado apartamento. Sabe-se lá o porquê, não conseguia se desapegar de nenhum dos milhares de objetos e papéis que pela vida afora foram se agregando ao seu cotidiano. Angustiado, vivia tentando arrumar e limpar a casa, mas sempre em vão. Não conseguia jogar nada fora e o entulho ia crescendo, crescendo... Mulheres e amigos aos poucos se afastaram dele, tão difícil era conviver com aquele caos.

Certo dia foi encontrado sob uma pilha de revistas velhas, recortes de jornais, long-plays, luminárias quebradas e, por cima de tudo uma infinidade de contas antigas de luz, gás, telefone e extratos bancários. Apesar de morto, trazia um estranho sorriso nos lábios e uma expressão de vitória no rosto. E na mão, um papel todo amassado onde se lia: "Livre-se das suas quinquilharias. O bazar espírita Fim de Linha aceita doações".

CONTATO

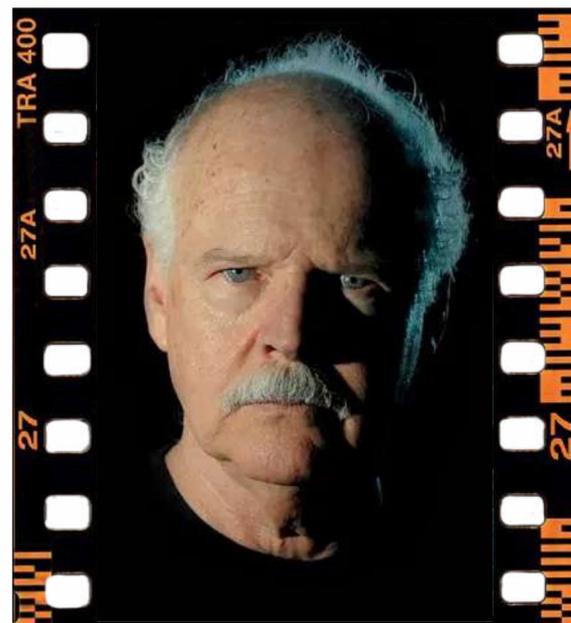
O sol estava a pino. A paisagem à volta, deslumbrante. Um homem e uma mulher caminhavam, penosamente, sem nada verem. Viviam uma iminente separação. Mas suas mãos resistiam e, entrelaçadas, se recusavam a tomar essa estrada bifurcada. O calor desse contato venceu e elas seguiram juntas.

ENFIM, UMA TRANSGRESSÃO

Olhou em torno, tudo impecavelmente arrumado. Ajeitou uma almofada no sofá e arrancou uma florzinha já murcha do vaso sobre a mesa. Penteou-se, passou o batom e se atirou pela janela.



Jaime Leibovitch
Rio de Janeiro / RJ



Jaime Leibovitch, nascido em outubro de 1946, no Rio de Janeiro, é ator e psicólogo clínico. São inúmeros os seus trabalhos em teatro, cinema e televisão. No entanto, ao longo de suas mais de sete décadas de vida, sempre esteve envolvido com o universo da literatura, seja escrevendo e publicando poemas e contos, seja atuando nas áreas de promoção e de incentivo à leitura.

Foi Coordenador Geral do Leia Brasil/Programa de Leitura da Petrobras e idealizador do Projeto Poesia Brasileira, através do qual - e desde o ano 2000 - leva às escolas de nível médio, centros culturais e universidades, pequenos espetáculos de música e poesia.



O SEXTO DIA

Era um Deus ateu. Só cria em si depois da terceira dose.

Sempre afeito à melancolia, Deus tinha uma profunda mágoa da humanidade, pois de tanto que esta insistia em dizer “Deus lhe pague”, seu nome já estava no vermelho.

Também se queixava muito de que ninguém o amava. “Quer dizer, menos o capacho na porta de casa”, dizia: “Eu o espezinho e ele diz: *bem vindo...*”.

Um dia, bebeu além da conta e considerou, criteriosamente, o dedão do pé direito. Pôs-se, então, a matutar que se o universo era o corpo inteiro de Deus, os astros, os planetas, os satélites e os asteroides eram suas partes constitutivas.

Chamou, por conseguinte, ao dedão, de Terra. E, ressentido como estava, deu o nome de humanidade ao prurido micótico que infestava o dedão.

Entendendo, pois, que era chegada a hora do Juízo Final, Deus entrou numa farmácia e comprou uma pomada que era tiro e queda. Nos cinco dias seguintes bebeu mais, muito mais – daí ser chamado de Altíssimo - e entregou-se de corpo e alma à erradicação da humanidade de sobre o dedão.

“E viu que isso era bom”.

Também leu e releu O Dia da Criação, de Vinicius de Moraes.

“Houve tarde e manhã, o quinto dia”.

“E viu que isso era bom”.

“E abençoou o dia sexto, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador”... *desfizera*.

CONTÍCULO

Cuidava da mulher, lia os clássicos e escrevia.

“A vida é receita e despesa. Ganhei pouco, perdi tanto quanto. Hoje guardo um pequeno pecúlio de incertezas”, disse.

A companheira o olhava com ternura. Nunca o vira tão sereno como naquele final de tarde.

O homem fechou o livro (pela primeira vez declinou do marcador de páginas), tomou a mulher pela mão e ambos - “comovidos como o diabo” - pegaram carona no pôr do Sol.



Jairo Fará
São João Del Rei / MG



Jairo Fará, nome completo Jairo Faria Mendes, é poeta, escritor, jornalista e professor na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Com pós doutorado pela Universidade de Coimbra, sua obra inclui “Cidadezinha Biruta” e “O Ovo do Minerim”. "Minas Impressas", "Barão de Itararé: Riso e Resistência" e os microlivros "Minas são Moitas" e "Trégua e Paz".

Coordenou a área de literatura do Inverno Cultural da UFSJ de 2010 a 2018.

Jairo é conhecido por sua crítica social, além de participar de exposições literárias e artísticas.

Sua produção literária abrange poesia, literatura infantil e Jornalismo, destacando-se pela originalidade e criatividade.

Foi o poeta homenageado na Primavera Poética do Sul de Minas (2024)

Pelo Portal Ornitórrincobala participou da antologia *Amazônia - 2024*



O SOLDADO PERGUNTOU AO GENERAL. QUAL O SENTIDO DA GUERRA?

O general primeiro tossiu. Depois olhou o celular. Bocejou. Pensou em assoviar ou dar um arroteo ou peidar ou dar um salto mortal ou contar uma piada ou mandar prender esse comunista ou fingir sofrer um ataque epilético ou mudar de assunto ou imitar o Sílvio Santos ou sair correndo ou ser mais radical e explodir. Por isso, explodiu uma espinha no nariz e se sentiu aliviado...

REUNIÃO DA ONU

- Vamos parar as guerras e jogar War...

PARA SER LIDO APENAS EM JUNHO

- Vamos usar armas nucleares?
- Não, vamos usar fogos de artifício, agora é Festa de São João...



Lêda Aristides
Rio de Janeiro / RJ



É do Rio de Janeiro, carioca, viúva, mãe de um casal de filhos, já adultos. Gosta de bichos e já teve vários cachorros, gatos e criou galo, pintinhos e galinhas. Em pequena brincava de Professora com as bonecas. Criava histórias em mini livrinhos, feitos de sobras de papel, da gráfica do pai. Os retalhos, das costuras da mãe, viravam figurinos para o teatrinho com os primos. Hoje, aos 75 anos, é Professora Aposentada de Literatura e de Teatro na Educação. Publicou 5 livros para crianças sobre bichos e medo de monstros! Na área acadêmica ganhou o Prêmio de Monografias Anísio Teixeira, nos anos de 2005 e de 2008. Seu último livro publicado foi: “Um galo chamado Purípi”, em 2023. É uma história para crianças, que conta a vida real de um galo e suas peripécias, desde que ele era ainda um pintinho amarelinho. Atualmente, a autora faz parte do Clube de Leitura da Casa Amarela, da escritora Roseana Murray. Pelo portal Ornitorrincobala participou das antologias “Felicidade” - 2023 e “Gavetas”, 2024 e “Amazônia” - 2024.



ESPELHO

A mulher atravessou a sala correndo, apressada no seu dia a dia.
Ao ouvir um pequeno barulho, parou e virou-se! Porém, na sala, só
havia ele – o espelho – calado, num canto...
Deparou-se com sua imagem refletida. Aproximou-se e não
reconheceu o rosto cansado, os cabelos em desalinho e nem o olho
sem brilho!
Quem era aquela estranha, cuja imagem o espelho lhe devolvia?
Breves instantes...Momentos de lucidez!
Assustou-se... De novo, o barulho!!!
A panela no fogo, as crianças chegando da escola, a campainha tocando!!!
A mulher atravessou a sala correndo...

PARTO

NhééémmmmNHEEEEEEEEEEMMMMMM...
Para Pedro, a vida pariu! Para mãe, a vida partiu...



Lélia Queiroz
Cabo Frio / RJ



Lélia Maria Queiroz Almeida, foi uma enfermeira arrojada, com uma visão a frente de sua época. Desempenhou papel de mulher, dona de casa, mãe, obstetriz, enfermeira, que levou a mulher administradora do seu lar para o hospital, tendo a saúde da mulher como seu principal foco em lutas de gênero e de classe. Sua luta pelos direitos das mulheres não teve trégua.

Atualmente, dedica-se a escrever sobre a temática da enfermagem através de um livro ainda no prelo. Passou a escrever suas crônicas já bem antes da pandemia mas atualmente fez da escrita, mais uma de suas práticas de vida.

Pelo Portal Ornitorrincobala participou da antologia “Amazônia”; lançou o e-Book de crônicas “Jardim de Lélia” e fez também um álbum de família em homenagem ao seu filho, o Tenente Brigadeiro do Ar, Davi Alcoforado.



CASO 15

No Texto da Música Samba da Parada do Compositor: Bira , Auxiliar de Enfermagem do CTI cita o nome Joaquim nome batizado do massageador cardíaco elétrico que emite choque muito forte para ressuscitação cardíaca ,nos casos de parada. Pois bem , era alusão ao Joaquim , um funcionário que trabalhava nos serviços gerais e tinha uma força muito grande . Era convocado quando se precisava enviar mobiliário ou grandes aparelhos para conserto, fazer mudanças , tal era sua desenvoltura aos grandes esforços. Costumava recolher o lixo reciclável de papelão e papel, nos diversos andares levando para o depósito próprio. Ele não tinha família e resolveu morar num cantinho no próprio depósito do lixo seco .Tinha até um cãozinho sem identificação de raça que era seu companheiro. Ele vendia o lixo reciclável , principalmente papéis e papelão. Aparecia o comprador! Ele não tinha despesas de família, moradia, ou alimentação pois fazia suas refeições no hospital. Não tinha vícios. Como não gastava seu dinheiro do salário nem das vendas dos recicláveis falava-se que tinha se tornado um abastado agiota!!! Imaginem até médicos pediam dinheiro emprestado ao Joaquim que anotava no seu caderninho na confiança. E até assinavam promissórias dependendo do valor!!!! Nestes tempos era mais fácil o empréstimo desta forma. E como ele atendia também pessoas violentas fora da lei os devedores respeitavam com medo de represálias. Isto gente não posso provar mais era falado aos corredores do hospital!!! Então contei pronto!!!

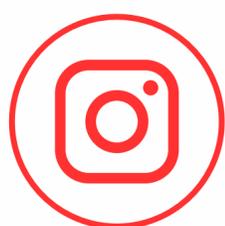


Luciana G. Rugani
Cabo Frio / RJ



Luciana Gonçalves Rugani é poetisa, mineira, porém cabo-friense de coração e por reconhecimento oficial da Câmara Municipal da cidade, que lhe concedeu o título de cidadania cabo-friense. É membra fundadora da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio - ALACAF e membra da Academia de Letras de São Pedro da Aldeia - ALSPA. Colunista da Revista Digital Aldeia Magazine e do "Blog do Totonho", recebeu o "Prêmio Cidade São Pedro da Aldeia de Literatura" concedido pela Associação Internacional de Escritores e Artistas - Literarte, e o Prêmio Cultural Caiçara, concedido pela ALACAF e pela ALSPA. Vencedora do 3º lugar - gênero "poema" - do "Prêmio Teixeira e Sousa de literatura", ano 2023.

Recebeu o troféu "Destaque Cultural 2024" da ALACAF e o Certificado de Excelência Cultural da ALSPA, ano 2024. Participante de diversas antologias, publicou o livro "Mar de Palavras", que originou o áudio livro de mesmo nome. Autora do blog "Cantinho das Ideias" e idealizadora dos projetos "Sarau 15 Minutos" e "Arte na Rede", promovido em suas redes sociais. Pelo portal Ornitorrincobala, participou da antologia feminina "Floribela por elas", 2024.



O APRENDIZADO DE ATAULFO

Ataulfo, uma gaivota-macho muito elegante, gostava de interagir com humanos e de comer batatas fritas e comidas temperadas. Arlindo, seu irmão, sempre o alertava sobre o perigo que isso representa para a sobrevivência da espécie.

Ataulfo casou-se, e teve três filhotes franzinos e sem energia, que mal conseguiam manter-se nos ares. Tempo depois, dois de seus filhotes partiram para o “céu das gaivotas”, restando apenas o filhote do meio, cujo organismo já não assimilava mais os nutrientes e, por isso, não podia mais voar e dependia totalmente dos pais para alimentá-lo.

Certo dia, Ataulfo pôs-se a refletir, enquanto observava o pôr-do-sol. Lembrou-se do alerta de Arlindo sobre o perigo que alimentar-se das comidas dos humanos representava para a espécie: “Se a gaivota, em idade reprodutora, alimentar-se das comidas condimentadas dos humanos, os filhotes não assimilam os nutrientes necessários, nascem desnutridos e pouco resistentes a infecções”. Ataulfo pensou: “Pena haver tomado consciência das palavras de Arlindo apenas agora... Vivi como desejei, sempre ignorando que a natureza um dia nos cobra pelas atitudes insanas. Vivi meus dias como se fossem os últimos, ignorando os limites de minha natureza, e hoje aqui estou, a pagar um preço... um preço alto demais”.

FOFOCA

Solaris falava com estrelas. As estrelas contavam-lhe segredos, desnudavam-lhe destinos. Certa noite, após confabular até alta madrugada, viu forte luz em seu quarto e, para sua surpresa, vislumbrou, em sua cama, uma linda estrela cadente que, por tanto fofocar, errou o trajeto, entrou pela janela e apagou-se de vez.



Marcia Troper
Rio de Janeiro - RJ



Formada em administração de empresas, exerceu a profissão até os 35 anos de idade, quando pediu demissão de seu emprego público para morar fora do Brasil, porém, precisou retornar algum tempo depois. Aos 43 anos, ingressou na faculdade de biomedicina a fim de se dedicar à pesquisa na área de saúde. Sempre gostou de escrever, sejam histórias fictícias, acontecimentos reais ou pontos de vista.



ESCOLHAS

Uma frase muito comum de se escutar é “no final tudo vai dar certo”. Mas o que é tudo? E o que seria “dar certo”? Quem nunca imaginou como seria a sua vida, caso tivesse trilhado um caminho diferente em um dado momento? Geralmente, essas dúvidas aparecem em momentos de crise, a que atribuímos a uma determinada escolha que fizemos, algo que poderia ter sido diferente.

Se tivesse dado uma chance a uma determinada pessoa... Ou se não tivesse dado chances demais a quem não merecia... Se tivesse mudado de emprego ou de cidade... São tantos “se”... E eles vêm com toda a força nos nossos momentos mais frágeis, como que querendo nos culpar pela nossa decisão errada que tomamos um dia.

Mas será que essa tal decisão foi mesmo errada? Porque tem também aquela frase de que “no final tudo vai dar certo”, então não seriam essas decisões que, não foram erradas propriamente, mas não tiveram o desfecho que desejamos, necessárias para chegarmos nesse final que tudo vai dar certo? E que, para chegarmos nesse final, que tudo deu certo, nós precisamos trilhar esse caminho formado por essas escolhas imperfeitas? Afinal, a vida é um aprendizado e todos nós também já ouvimos que “o que importa não é o destino final e sim a trajetória”.

LUZ NO FIM DO TÚNEL

Às vezes nos sentimos tão infelizes, querendo nos encontrar, mas nos vemos tão perdidos e tão distantes de nosso objetivo... A verdade, porém, é que não tem como encontrar algo que não está perdido...

Será então que, para nos encontrarmos, é preciso que antes a gente se perca? Sendo assim, poderíamos nos ater a essa esperança sempre que nos sentirmos perdidos? Afinal, não importa o tamanho do túnel, pois, no fim, sempre há uma luz.

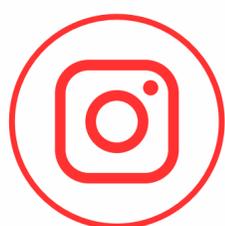


Maria do Carmo Rezende Procaci
Rio de Janeiro - RJ



Quem é ela! Maria do Carmo, mineira de Cataguases, ama a escrita, a leitura, a música, a natureza, o mar especialmente, fotografia, o artesanato, fazer novas amizades, trocar ideias, aprender sempre mais... Desde tenra idade escrevia muito, como textos e cartas para familiares e amigos. Sempre foi muito expressiva! Fez Faculdade de Letras(Português -Inglês) na UFJF- MG e Direito. Formada em piano pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. Dedicar-se à Arte e cria Bonecas de Pano. É escritora apaixonada e acredita na força das palavras para melhorar o mundo. Tem seus textos e poemas publicados em Revista, no site da Educação Pública-RJ e várias Antologias. Suas Obras Literárias foram lançadas na Bienal Internacional do Livro, no Rio de Janeiro em 2023 e este ano, de 2024, na Bienal Internacional do Livro em São Paulo. Maria do Carmo escreve não só para iluminar-se mais e mais, como também para iluminar os outros. Seus olhos enxergam Poesia em tudo. E sua fala poética com sorrisos diz:

O que seria viver sem poesia?



MOEDA PERDIDA

A moeda de cobre brilhava tímida sob a luz do sol que se infiltrava pela fresta da janela. Rolada inúmeras vezes entre os dedos suados de Joãozinho, a pequena fortuna representava a esperança de um pirulito colorido na bodega da esquina.

Com um suspiro, o menino a lançou ao ar, observando-a descrever uma parábola perfeita antes de desaparecer no buraco da fechadura. O desespero o invadiu como uma onda, mas logo se transformou em uma nova aventura. A busca pela moeda perdida se tornou sua missão, e a cada canto da casa, uma nova pista a ser desvendada.

Sob o sofá, atrás do armário, dentro do baú de brinquedos antigos... nenhum lugar estava a salvo de sua investigação. A cada fracasso, a esperança renascia, alimentada pela certeza de que a moeda o aguardava em algum lugar, escondida, esperando para ser encontrada.

E quando, por fim, a moeda foi encontrada entre as páginas de um livro de histórias, a alegria de Joãozinho foi imensa. Mais que um pirulito, aquela moeda representava a persistência, a esperança e a magia da descoberta.

ROBÔ

O robô sentiu algo estranho ao ver o menino sorrindo. Era a primeira vez que via aquela expressão. A partir daquele dia, o metal frio começou a entender o significado da amizade.

UM ENCONTRO

Seus dedos roçaram os dele ao alcançarem o mesmo livro na estante. Um sorriso tímido nasceu nos lábios de ambos. Era "Ilhas Perdidas", um clássico de aventuras que ambos amavam desde a infância. Começaram a conversar, descobrindo que não só compartilhavam a paixão por aquele livro, mas também um sonho: visitar a Ilha Esmeralda, um lugar mágico descrito nas páginas amareladas. A livraria, naquele momento, se transformou num portal para um mundo de possibilidades.



Marília Amaral
Rio de Janeiro - RJ



Marília Amaral é bibliotecária, dirigiu e organizou várias bibliotecas e lecionou Biblioteconomia na UNIRIO, onde dedicou-se à questão da Leitura, Formação do Leitor e da Biblioterapia, três grandes prazeres até hoje, acrescentando a contação de histórias e poemas. Faz parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.



1+1=1

A compreensão conceitual aconteceu-me por artifício imprevisível -- palavras ditas por minha neta, para não falar do ritmo e entonação incontestáveis, ao ver-me só, à porta da escola -- e não posso deixar de acrescentar que naquele dia, em especial, sentia-me radiante, cheia de mim, absolutamente inteira, una:

- E meu vô?

Nem toda a Matemática aprendida desde a infância conseguiria explicar-me, de forma tão irrevogável, a indivisibilidade do número par e a incompletude humana.

COMBUSTÃO

De fogo, o coração uivava: bêbado inveterado, havia bebido a mulher de um só trago. Indigesta, não evaporava e não queimavam os traços que lhe tragavam em carne viva.

Havia bebido a mulher de um só trago, de forma inconsciente, sem limites. Nada o livraria do travo amargo, da insônia com ousadias.

Dia seguinte, tentou devolver o corpo, devassado, à monotonia. Infrutífera, sequer, a tentativa. O incêndio, incontrolável, se espalhou do interior à periferia.

E a cada combustão espontânea consumia-se, confundia-se, indefinia-se... Eram só brasas, sem direito a cinzas.

UM ENCONTRO

O esboço da traição rasgando - me de cima a baixo sem que a pele mostrasse, sequer, um ponto róseo ou rastro do estrago: tamanha eficiência! Implodiu-me inteira sem ruído, sutilmente, sem poeira.

Seria primavera no espaço em que as flores brotam. Seria o tempo no limiar do novo escorrendo a vida morna e nua entre as pernas.

Era (ou seria?) primavera naquela tarde: gritei e expulsei o inverno da morada, esmurrei nuvens tímidas e nubladas até que a raiva se desfez em chuva. Deixei-me cair na cama estupefata.

Por ironia do destino a notícia e eu chegáramos atrasadas: o nascimento fora antecipado. E por tão poucas horas deixei de estar presente à festa ignorada. A primeira neta!...

Monumental (e irreparável) pequeno atraso... mas era primavera!



Silvio Ribeiro de Castro
Rio de Janeiro - RJ



Sou basicamente poeta. Publiquei livros de poemas e de contos e colaborei com os roteiros das peças encenadas pelo Grupo Poesia Simplesmente, ao qual pertenço. Escrevi letras para canções e tive vários poemas musicados. Atualmente, me dedico a inventar histórias e contá-las em livros e em apresentações para o público. Transito com facilidade entre dois universos: a vida real e o mundo da imaginação .” Participou das primeiras antologias do Portal Ornitórrincobala: “Propássus”, “A Caminho de Pasárgada” - 2023, “Um abraço em Galeano” - 2024 e “Amazônia” - 2024.



AS PALAVRAS

Viviam numa fazenda perdida no fim do fim do mundo. O pai, a mãe e o filho. A vida rotineira que levavam quase que dispensava totalmente as palavras. Me passa o café, a vaca Malhada está prenha, prenda as galinhas que vai chover. A história dos dias era sempre a mesma, monótona e previsível, naquela dura vida de trabalhos no campo. Seu pai lhe deu um conselho que o marcou muito. As palavras, ele disse, são flechas, depois que são lançadas pelo arco não voltam mais. As flechas ferem, mas as palavras podem até matar. As palavras, ele concluiu, eram realmente perigosas.

A rotina diária só era quebrada uma vez por semana quando iam levar os seus produtos para a feira da cidade. Foi lá que ele conheceu uma moça que tomava conta da barraca das flores. Comunicavam-se timidamente, mais por olhares do que por palavras. Naquela noite, depois que voltaram da cidade, na hora do jantar, ele perguntou ao pai sobre uma palavra que a moça tinha lhe falado e que ele não conhecia:

Amor. Pai e mãe se entreolharam surpresos e assustados. É uma palavra muito perigosa, lhe disse o pai. Mas o que significa?, ele insistiu. Significa afeição, amizade. Mas também pode significar desilusão, desengano, decepção, mágoa, desgosto, ressentimento e até coisa pior. Nossa! Quantas palavras novas o pai tinha falado. O mundo das palavras era mesmo muito complicado e perigoso. Mas a atração que ele sentia pela moça, algo novo, desconhecido na sua vida, foi mais forte e ele não se intimidou.

Na semana seguinte, a moça lhe ensinou outra palavra: Paixão. Quando naquela noite ele perguntou o que significava paixão, o pai percebeu que tinha perdido o filho. A paixão era uma palavra incontrollável, arrebatadora, que desafia o bom senso e a razão. Irresistível, o pai sabia bem.

E foi assim que um dia, tristes mas conformados, deram sua benção ao filho que foi embora para encontrar aquela moça que conhecia palavras tão bonitas. E foi com ela que ele aprendeu outra palavra: Felicidade.



SoniaMar Passot
Mâcon - França



Por 25 anos, percorri os corredores da Universidade Federal do Paraná, como bibliotecária, onde a paixão pelos livros se entrelaça com a disseminação do saber. Em busca de aprofundamento, obtive meu mestrado em Ciência da Informação na França (enssib) École nationale supérieure des sciences de l'information et des bibliothèques o que me impulsionou a coordenar o 1º Encontro Franco-Brasileiro de Imagens Submarinas- UFPR e a criar a Biblioteca do Campus Rebouças da UFPR, inaugurada em 2017. O mar sempre me chamou, e entre 2015 a 2024 fui voluntária da Associação Planeta d'O, lutando pela preservação dos oceanos. Após me aposentar, transformei minha paixão em palavras, publicando Vida Iluminada, uma obra que narra a trajetória de uma brasileira entre Curitiba, Rio de Janeiro e França. Hoje, continuo escrevendo, movida pela crença no poder das histórias e do conhecimento para moldar o futuro.



A BIBLIOTECA ESCONDIDA

Na cidade de Brume, havia uma biblioteca oculta entre árvores centenárias, envolta em mistério. Diziam que quem a encontrasse nunca seria o mesmo. Um jovem, movido pela curiosidade, seguiu os rumores e, após dias de busca, encontrou a porta desgastada da misteriosa biblioteca. Lá dentro, o tempo parecia se dobrar, e as estantes eram repletas de livros antigos com sabedoria ancestral.

Ao abrir um volume, leu as palavras de Tales: "O sucesso verdadeiro reside no auto-conhecimento". Isso o lembrou de que, para alcançar qualquer coisa, deveria primeiro entender a si mesmo. Mais adiante, encontrou a célebre frase de Descartes: "Penso, logo existo", compreendendo que a reflexão é a base de tudo.

Ele também se deparou com o ensinamento de Tom Morris sobre o verdadeiro sucesso, que consiste em descobrir e desenvolver seus talentos, utilizando-os para ajudar a si e aos outros. A biblioteca sussurrava: "Conhecimento é poder". A cada livro, ele abria novas janelas para o mundo, enxergando a vida com mais clareza.

A leitura transformou sua visão, conectando-o às experiências humanas e acendendo uma paixão por mais conhecimento. Ao voltar para casa, percebeu que a verdadeira magia da biblioteca não estava em suas paredes, mas em como ela mudara sua percepção do mundo.

Nos anos seguintes, o jovem frequentou muitas bibliotecas e incentivou seus filhos a fazerem o mesmo, acreditando que a leitura tem o poder de transformar vidas. Afinal, um bom livro pode mudar tudo.





Jiddu Saldanha

Organizador

Mora na cidade de São João Del-Rei, Minas Gerais.

Fundou o Portal Ornitorrincobala, em 2020 e passou a criar e-Books para escritores, artistas visuais, empresários, instituições de ensino, etc...

Participou da Bienal do Livro do Rio de Janeiro - RJ, Bienal de Belo Horizonte - MG, Circuito Off da Flip de Paraty - RJ, FLAP - Amapá - AP, Feira Pan Amazônica - AP, Feira do Livro de Porto Alegre - RS, Jornadas Literárias de Passo Fundo - RS, Bienal de Fortaleza - CE e outros certames literários espalhados pelo Brasil.

Faz parte do "Clube de Leitura da Casa Amarela", na cidade de Saquarema, fundada pela poeta Roseana Murray.



FICHA TÉCNICA

“MiniMicro”

Antologia digital brasileira de minicontos e microcontos
do Portal Ornitorrincobala - 2024

**PROJETO GRÁFICO
& ORGANIZAÇÃO**
Jiddu Saldanha

IMAGEM DE CAPA
Luis Trimano

REVISÃO

A revisão deste e-Book é de
responsabilidade dos participantes

[CLIQUE AQUI](#)

